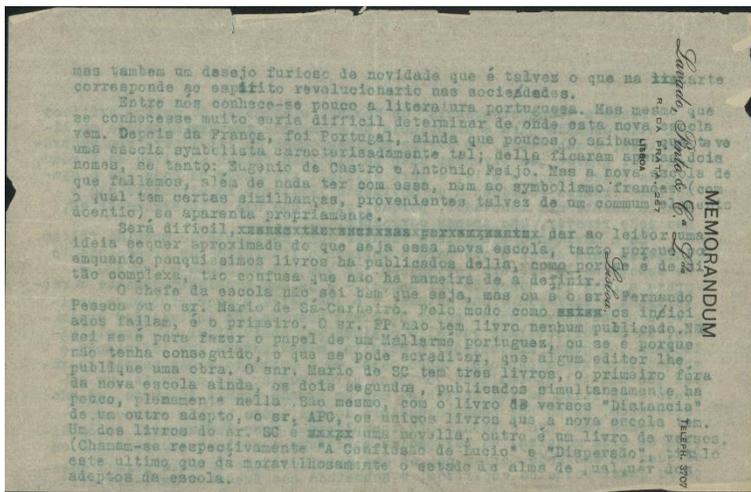


A Nova Doença na Literatura Portuguesa.

Desde a "Degenerescencia" de Nordau, a attenção de muitos criticos tem sido chamada para a existencia de elementos ~~doentes~~ morbidos na literatura, e sobretudo, em certas manifestações da literatura contemporanea. Por graves que tivessem sido as criticas feitas ao livro de Nordau, alguma coisa ficou d'elle, e será difficil pretender-se hoje que o symbolismo francez representa um movimento literario inteiramente são e absolutamente ~~at~~ renovador, porque, visto que não é inteiramente são, não pode renovar, mas apenas corromper.

Se o movimento symbolista francez é uma manifestação morbida, faltam palavras para dizer o que será o movimento literario que presentemente se esboça ~~na literatura portugueza~~ em Portugal. Se bem que vá inda em começo - praza a Deus que nunca de ahi passe! - é já uma escola nitidamente caracterizada e differente das outras. E o que nella é essencialmente perigoso é o seu inexplicavel poder de crear adeptos, de influenciar espiritos. ~~de~~ Se reflectirmos que elle é ainda por assim dizer uma escola silenciosa (ou quasi silenciosa) e occulta, ~~o seu poder~~ a sua influencia é verdadeiramente espantosa, tanto mais que á primeira vista parece incrível que uma tal anormalidade consiga arregimentar não só gente que escreva e se filia em tal corrente, mas um grande numero de gente que, não escrevendo, se dá por comprehendedora do que esses homens escrevem.

Vendo bem, não é totalmente inexplicavel essa influencia. As condições da vida moderna, as peripecias politicas e sociaes que em todos os estados se dão hoje, criam não só uma predisposição latente para a doença em quasi todos os espiritos, e sobretudo nos fracos e semi-artisticos,

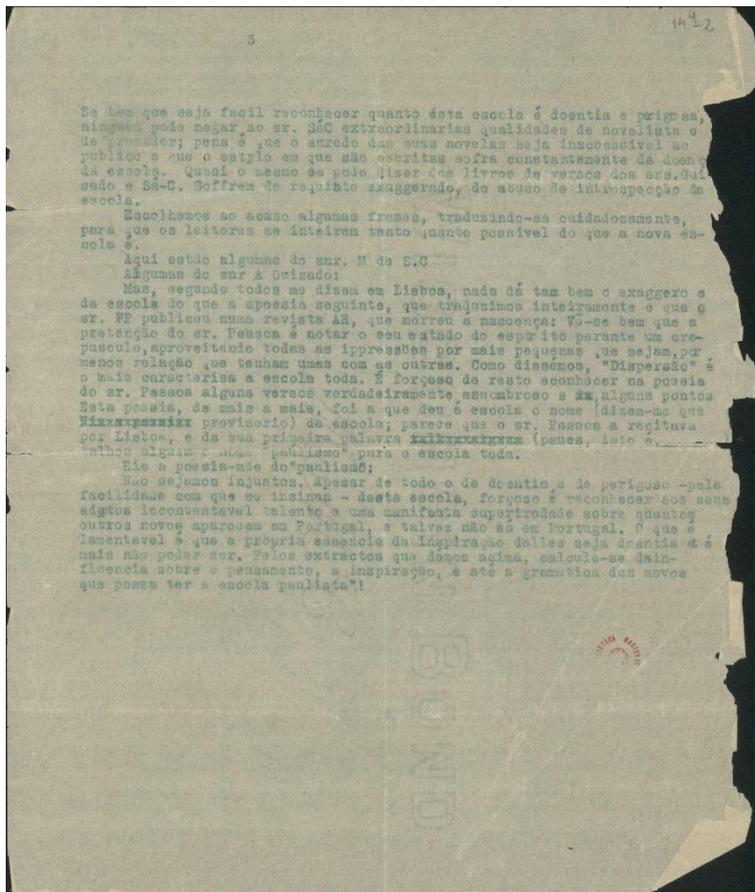


mas tambem um desejo furioso de novidade que é talvez o que na ~~lit~~ arte corresponde ao espirito revolucionario nas socieadades.

Entre nós conhece-se pouco a literatura portuguesa. Mas mesmo que se conhecesse muito seria difficil determinar de onde esta nova escola vem. Depois da França, foi Portugal, ainda que poucos o saibam que teve uma escola symbolista caracterisadamente tal; della ficaram apenas dois nomes, se tanto: Eugenio de Castro e Antonio Feijó. Mas a nova escola de que fallamos, além de nada ter com essa, nem ao symbolismo francez (com o qual tem certas similhanças, provenientes talvez de um commum elemento doentio) se aparenta propriamente.

Será difficil, sendo tão escassas por enquanto dar ao leitor uma ideia sequer aproximada do que seja esta nova escola, tanto porque por enquanto pouquissimos livros ha publicados della, como porque é de si tão complexa, tão confusa que não ha maneira de a definir.

O chefe da escola não sei bem que seja, mas ou é o sr. Fernando Pessoa ou o sr. Mario de Sá-Carneiro. Pelo modo como ~~estes~~ os iniciados fallam, é o primeiro. O sr. Fernando Pessoa não tem livro nenhum publicado. Não sei se é para fazer o papel de um Mallarmé portuguez, ou se é porque não tenha conseguido, o que se pode acreditar, que algum editor lhe publique uma obra. O snr. Mario de SC tem tres livros, o primeiro fora da nova escola ainda, os dois segundos, publicados simultaneamente ha pouco, plenamente nella. São mesmo, com o livro de versos "Distancia" de um outro adepto, o sr. APG, os unicos livros que a nova escola tem. Um dos livros do sr. SC é ~~xxxx~~ uma novella, outro é um livro de versos. (Chamam-se respectivamente "A Confissão de Lucio" e "Dispersão", titulo este ultimo que dá maravilhosamente o estado de alma de qualquér dos adeptos da escola.)



Se bem que seja facil reconhecer quanto esta escola é doentia e perigosa, ninguem pode negar ao sr. Sá-Carneiro extraordinarias qualidades de novelista e de prosador; pena é que o enredo das suas novelas seja inacessivel ao publico e que o estylo em que são escritas sofra constantemente da doenca da escola. Quasi o mesmo se pode dizer dos livros de verso dos srs. Guisado e Sá-Carneiro. Soffrem de requinte exaggerado, do abuso de introspecção da escola.

Escolhemos ao acaso algumas frases, traduzindo-as cuidadosamente, para que os leitores se inteirem tanto quanto possivel do que a nova escola é.

Aqui estão algumas do snr. Mario de Sá-Carneiro {...}

Algumas do snr Alfredo Guisado: {...}

Mas, segundo todos me dizem em Lisboa, nada dá tam bem o exaggero e {...} da escola do que a poesia seguinte, que traduzimos inteiramente e que o sr. Fernando Pessoa publicou numa revista A Renascença, que morreu á nascença: Vê-se bem que a pretensão do sr. Pessoa é notar o seu estado do espirito perante um crepusculo, aproveitando todas as impressões por mais pequenas que sejam, por menos relação que tenham umas com as outras. Como dissemos, "Dispersão" é o [que] mais caracteriza a escola toda. É forçoso de resto reconhecer na poesia do sr. Pessoa alguns versos verdadeiramente assombrosos de, alguns pontos {...} Esta poesia, de mais a mais, foi a que deu á escola o nome (dizem-me que Eis a poesia provisorio) da escola; parece que o sr. Pessoa a recitava por Lisboa, e da sua primeira palavra ~~talhou alguma~~ (paues, isto é, talhou alguém o nome de "paulismo" para a escola toda).

Eis a poesia-mãe do "paulismo": {...}

Não sejamos injustos. Apesar de todo o de doentio e de perigoso - pela facilidade com que se insinua - desta escola, forçoso é reconhecer aos seus adeptos incontestavel talento e uma manifesta superioridade sobre quantos outros novos apparecem em Portugal, e talvez não só em Portugal. O que é lamentável é que a propria essencia da inspiração delles seja doentia até mais não poder ser. Pelos extractos que damos acima, calcule-se da influencia sobre o pensamento, a inspiração, e até a gramatica dos novos que possa ter a escola paulista!

DIREITOS ASSOCIADOS

O trabalho MODERNISMO - Arquivo Virtual da Geração de Orpheu de <https://modernismo.pt/> está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).